



# FIGUEIROENSE

SEMANARIO IMPARCIAL, POLITICO, NOTICIOSO, LITTERARIO E RECREATIVO

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO DE VASCONCELLOS

## ASSIGNATURAS

Um anno . . . . .	1\$200 réis
Seis mezes . . . . .	600 . . .
Para o Brazil, por anno . . . . .	2\$000 . . .
Para a Africa, por anno . . . . .	1\$200 . . .
Numero avulso . . . . .	30 . . . . .

Annuncia-se as obras das quaes se recebe 1 exemplar.

## PUBLICA-SE AOS SABBADOS

Composição e impressão na typographia de  
**Antonio de Vasconcellos**  
 Administracão—RUA DA AGUA  
 FIGUEIRO DOS VINHOS

## PUBLICAÇÕES

Annuncios—cada linha . . . . .	40 réis
Repetições . . . . .	20 . . .
Imposto do sello . . . . .	10 . . .

Originacs sejam ou não publicados não se restituem.  
 Annuncios permanentes e communicados  
 preço convencionado.

## PELO PARLAMENTO

Já não falta quem veja com pena que se esteja desperdiçando o tempo no parlamento portuguez em estereis discussões ou em libellos accusatorios, que poderão servir para os intentos da politica partidaria, mas nunca para os interesses geraes da nação.

Quem observar a sangue frio o que se tem passado tanto na camara dos pares como na dos deputados, fica surpreendido dos longos discursos que, bem espremidos, não deixam senão esta impressão: Palavras muitas; obras poucas ou nenhuma.

Pois é para lastimar que assim succeda e que não se trabalhe a serio na solução dos problemas economicos e sociais que tão estreitamente se prendem com o futuro do paiz. E' tempo já de se pôr cobro a essa oratoria, que nada diz ao espirito das classes trabalhadoras e que só serve para augmentar a desillusão sobre os nossos costumes parlamentares.

Admittia-se que, abertas as côrtes, se fizesse, como desafio justo, a critica dos actos da nefasta dictadura e que se verberassem os homens que concorreram para estabelecer aquelle tragico periodo da historia portugueza. Admittia-se mesmo que os protestos fossem vehementes e traduzissem bem o estado de alma do povo portuguez, que nunca acceitou de bom grado quaesquer tyrannias ou despotismos. Tudo, porem, tem um termo e, exposto o sentir geral sobre um passado bem triste, dever-se-ia ter entrapo em nova vida, vida de trabalho e de reformas productivas, que significassem a boa vontade de abandonar para sempre esse systema de denegrir e viturpar tudo, sem a final se produzir nada de util para o paiz.

Pelo contrario, a unica coisa que se obtem é manter bem

tensa a corda da irritabilidade, não permitindo que se restabeleça a paz e a ordem tão necessarias para a vida e para o trabalho dos que já estão fatigados de tanta politica inutil e esteril.

Depois de tantas affirmacões de se seguir normas mais consentaneas com as aspiracões geraes do paiz, aspiracões que se reduzem a uma boa administração e a uma melhor comprehensão das necessidades publicas, tudo fazia crer que, embora levasse tempo, o utros seriam os rumos que a politica portugueza tomaria. Não succede, porem, assim e infelizmente para Portugal.

O tempo vai passando e se um ou outro membro das duas camaras lembra de quando em quando que, á politica se deve antepôr uma decidida vontade de trabalhar, lá surgem os oradores que, n'uma torrente palavrosa, se impoem á pequena minoria e não deixam progredir a boa idea.

Não ha que vêr. Não se reformam facilmente costumes invetrados, nem usos velhos que se adaptaram bem á indole peninsular. Embora o regimen parlamentar soffra com isso, a oratoria, com as suas diatribes, com as suas vehemencias, com os seus doestos, com a sua mordacidade, continua ovante, não se importando mesmo de passar á injuria, a fim de melhor manter o interesse e a curiosidade da galeria, quando não chega tambem ás vias de facto.

E estamos n'isso e assim continuaremos. No fim da sessão legislativa, feito o balanço, facil será estabelecer as utilidades resultantes de semelhantes methodos, utilidades que indubitavelmente ficarão reduzidas a quantidades negativas.

### A manifestação do Porto

A nota culminante da semana foi sem duvida a grandiosa manifestação monarchica da cidade invicta.

Uma lenda mais ou menos gene-

ralizada dava o Porto como o baluarte do republicanismo portuguez e como ha cerca de dois annos a inepcia de varios monarchicos levou ás cadeiras do municipio uma vereação republicana, mais se confirmou esta opinão preconcebida.

Os republicanos diziam por ahi com certo entono: *o Porto é nosso*.

Pois agora a lenda desfez-se, mercê da cavalheirosa iniciativa de muitos portuenses, que em romagem monarchica vieram do Porto a Lisboa, afim de saudar o novo monarcha.

O que de mais distincto havia no Porto, no commercio, na industria, na sciencia, na politica e na magistratura tudo alli estava representado, e com uma profusão extraordinaria.

Eram cerca de 900 pessoas, que em comboio especial (a maioria) se dirigiram a Lisboa para provar que o Porto é monarchico leal e sincero.

Presidia esta numerosa representacão o venerando conde de Samodães, o mais antigo dos pares do reino e lustre do partido nacionalista, homem de sciencia e trabalhador incansavel, caracter da mais fina tempera, benemerito da religião e da patria.

Ficava bem á frente de tão distincta commissão um homem tão prestigioso, e o Porto, se houvesse de delegar n'um homem só a sua representacão, por certo que não escolheria outro. E isto não representa desprimor para com os outros cavalheiros, mas apenas consideracão pelas cas que representam mais de cincoenta annos de vida publica laboriosa e indefessa.

A grande commissão dirigiu-se immediatamente da estação do Rocio para o paço das Necessidades, sendo no caminho muito victoriada pela população hospitaleira da capital.

A um canto de uma esquina não faltou porem a nota da intolerancia republicana.

Um grupo (diminuto, é verdade) de gaiatos mais ou menos assejados, de gravatas encarnadas, como lhes chamam os jornaes, quiz fazer uma contra-manifestação, dando vivas á republica e ao sr. Affonso Costa, e apupando os manifestantes portuenses, mas nada mais conseguiram do que manifestar a sua má creação.

No paço a scena foi commovente e empolgante. O sr. conde de Samodães, proferiu um discurso de saudação, a que El-Rei, visivelmente commovido, respondeu em termos de mais profundo reconhecimento, terminando por manifestar o seu desejo de fazer uma visita ao Porto, ao que o sr. conde de Samodães res-

pondeu: «E Vossa Magestade será lá recebido como nunca ninguém o foi». Estas palavras despertaram o mais vivo entusiasmo na luzidissima assembleia que victoriou delirantemente o joven monarcha.

Em seguida o sr. conde de Samodães fez as apresentacões, tendo o Rei para cada um palavras de gratidão, e depois foram tambem todos cumprimentar a rainha senhora D. Amelia, a quem esta manifestação de lealismo monarchico commoveo profundamente.

O sr. conde de Samodães foi muito abraçado por El-Rei. Devia ser um quadro digno de um grande primor, o monarcha joven e sincero, abraçado a um ancião carregado de serviços e de annos, em quem a lealdade é em certo modo parte do seu ser, e que lhe ia alli render a vassallagem do seu patriotismo nunca desmentido.

El-Rei n'este abraço sentiu pulsar junto ao seu um coração leal e portuguez de lei.

(D'A União)

## NOTICIARIO

Tomou posse no dia 29 do mez proximo findo o meretissimo Juiz de direito d'esta comarca o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Antonio de Castro Pereira e Solta, a que assistiram, alem de todo o pessoal do Juizo, muitos cavalheiros d'esta villa.

Veio passar alguns dias a esta Villa em companhia de seu tio o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Baião, o Ex.<sup>mo</sup> Sr. José Augusto Simões Baião, digno Sub-Delegado em Ferreira do Zezere.

Passou n'esta Villa, no seu bello automovel, o nosso presado amigo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Antonio Lourenço, importante capitalista, de Perogam Grande.

Tem estado de cama, em virtude de um incommodo intestinal, o nosso presado amigo Sr. Manuel Lopes do Rego, digno chefe de Conservação.

Tivemos o gosto de vêr n'esta Villa o nosso bom amigo Rev.<sup>o</sup> Antonio Rodrigues Cordeiro, dignissimo parochó da freguezia d'Arêga, d'este concelho.

Para fazer uso d'aguas thermaes, sahio a Ex.<sup>ma</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Maria dos Remedios Paiva, digna esposa do nosso presado assignante e amigo Sr. José Manuel Godinho.

## RECIBO

O abaixo assignado Antonio Thomaz da Silva commerciante dos Escallos Cimeiros, declara que recebeu como procurador de Manuel Sebastião proprietario da Gestosa Fundeira a quantia de oito centos e sete mil e duzentos reis que lhe entregou o advogado Manuel Diniz Henriques, conservador de Figueiró dos Vinhos, proveniente do primeiro rateio na fallencia do Visconde de Castanheira de Pera, Castanheira de Pera 4 de março de 1908 Antonio Thomaz da Silva.

(Segue-se o reconhecimento da assignatura).

## A importancia da viticultura entre os romanos

I

Catão collocava em primeiro lugar o terreno plantado de vinha e no sexto apenas a terra destinada á cultura dos cereaes, o que prova quanto já n'aquelle tempo a cultura cerealifera era pouco remunerada na Italia.

E é o que confirma Columella quando avalia em cem sestercios por geira, isto é, cerca de 20\$000 por hectare, a produção maxima dos campos. Alem de ser uma fonte de rendimentos muito mais consideravel, a vinha tem ainda a vantagem de poder ser cultivada em todos os terrenos, mesmo nos mais absolutamente improprios para outra qualquer cultura.

Diz Columella:

«Collocamos a vinha primeiro que todas as plantas, não só por causa da delicadeza do seu fructo, como pela facilidade com que corresponde aos cuidados que se tem com ella e isto em quasi todas as regiões do mundo, excepto nas demasiado frias ou quentes. Prospêra nas planícies e nas collinas; tanto nas terras compactas, como nas leves e até em terrenos magros, seccos ou humidos. Por conseguinte, é a planta que melhor supporta as temperaturas mais oppostas.»

E mais adiante:

«Devemos dizer a todos quantos se entregam á agricultura, que o rendimento mais consideravel é o

das vinhas. Tomou-se como um prodigio o que aconteceu nas terras de Ceretan, onde um pé de vinha te deu, Silvinus, mais de dous mil cachos. Pois nas minhas propriedades oitenta cepas, enxertadas ha dous annos, renderam sete *culleus* (cerca de 8 pipas de vinho) e a vinha nova deu 100 amphoras por geira (104 hectolitros por hectare).»

Apezar de todas estas vantagens, a cultura da vinha era muito depreciada. Porque? mais por culpa dos homens que da planta, responde Columella, que ao mesmo tempo indica as causas dos maus resultados obtidos pelo viticultor ignorante. Algumas d'essas causas são ainda de toda a actualidade, como: constituir as vinhas de variedades de cepas detestaveis; fazer más plantações; cultivar mal; não saber podar e sobre-carregar a cepa de sarmentos.

Nem todos os solos, nem todas as exposições convêm á vinha, embora ella se contenta com pouco; e por consequencia Columella dava a esse respeito conselhos salutarees, para que o bom viticultor obtivesse da sua vinha os mais importantes rendimentos. O illustre agronomo romano dizia que se devia arrancar toda a vinha que não rendesse 63 hectolitros por hectare.

A vinha bem cultivada rendia sempre, podendo dar 100 p. c. do capital empregado. Plinio Affirma que Acilius Sthenelus, filho de um liberto de baixa estirpe, tornou-se celebre ao vender por 400 00 sestercios (cerca de 20 contos de reis) 15 hectares de vinha notavelmente cultivada.

Plinio cita ainda outro exemplo: Um grammatico celebre, Rheinnius Palemon, comprou por 6 milhões de sestercios (300 contos) uma propriedade extensa na sua maior parte constituida por terrenos incultos. Da cultura d'esta propriedade foi encarregado o mesmo Acilius Sthenelus que, ao fim de oito annos obteve um rendimento de 400 000 sestercios (20 contos). Dou annos depois, Seneca, entusiasmado, comprava a mesma propriedade, dando quatro vezes mais do que ella tinha custado e, acrescenta Plinio, Seneca

não era homem que se entusiasmava facilmente.

A boa cultura, ou antes, uma propriedade bem cultivada teve sempre em todos os tempos pretendentes. Quando abandonada, os resultados são forçosamente precarios. Proseguiremos.

## Humorismos

Para dextreza de mão  
Não ha como Affonso Costa:  
Mal os affectos arrosta,  
E' murracha até mais não  
Sem mais trôco nem resposta:

Pobre Martins de Carvalho  
Que lhe apalparam-na cara!  
E' tão confuzo ficara  
Que no auctor do trabalho  
Nem com um dedo tocara!

E pobre Chagas Pinheiro  
Que lhe amolgaram-na dicta!  
E para maior desdicta  
E' prezo por desordeiro,  
Sendo de uma paz bemdicta!

E tanto que as acceitara  
Sem um desforço nem nada!  
O alma sanctificada,  
Que soquear se deixara  
Sem dar uma bofetada!

E o «Quebra caras» então  
Ninguém nem algo lhe bole!  
Oxalá que elle os esfole,  
Já que tão ouzados são  
Como a criança mais molle!

Ambos elles um prodigio  
De confuzão e prudencia!  
Mas jágora... paciencia,  
Porque do terrivel phrygio  
Os não «phryja» a prepotencia!

## Potscriptum

Diz-me agora o ti Garcez  
Que se esmurraram-nos trez:  
E se assim foi foi bem feito  
Por não levar tudo a cito!

O bondozo mercador  
Tão amavel como avaro  
Stá fazendo o milho caro:  
E não ha Governador  
Que n'isto faça reparo.

Caro para o Zé povinho  
Só devia ser o vinho:  
E porisso, ó famulentos,  
Milho a cem, vinho a quinhentos!

M. 23-5.

L. Malheiros.

## Alvoradas

Na madrugada do dia 1 do corrente mez, em cumprimento d'uma determinação do Compromisso da Irmandade do Santissimo d'esta Villa, foram cantadas as alvoradas alusivas a S. João Baptista, Orago da freguezia.

Sabiu para Lisboa a tratar dos seus negocios, o nosso amigo e assignante Sr. Benjamim Augusto Mendes, conceituado commerciante n'esta Villa.

## SEÇÃO RECREATIVA

Anacyclicos  
Aos curiosos

S A M A S R A S A R  
A L I S E A B A C A  
M I S S A S A L E M  
A S S I M A C E C A  
S E A M A R A M A R

A I R A M S A R A R  
I L E N A A D A M A  
R E L E R R A D A R  
A N E L I A M A D A  
M A R I A R A R A S

M A T A M R A R A R  
A C A B A A R O M A  
M A R A T R O L O S  
A B A C A A M O R A  
M A M A M R A S A R

## Phrazeadas

- 1—Aqui não estou bem para a cabeça—1.1.
- 2—O leite é animal nos quartéis—2.2.
- 3—Aqui a serra é crustaceo—1.2.
- 4—Este móvel, animal, é animal—2.2.
- 5—Aqui o fructo é tecido—1.2.
- 6—Esta contracção na arma é mulher—1.2.
- 7—O deus que se compadece é rio—1.1.

Benguella.

Ariga.

## Decifrações do n.º anterior

- 1—Aula; 2—Caneta; 3—Enxovado; 4—Quantia; 5—Camariim; 6—Calmo.

## FOLHETIM

## UMA ALCATEIA DE LOBOS

(Continuação)

Ante a exclamação de Carlos Stuve, Roberto Girl contentou-se em dizer com toda a fleugma britannica:

—Uma panne e nada mais!

Panne em linguagem de automobilista quer dizer o mesmo que o machucado de um vapor exprime, quando exclama:

—Avaria na machina!

Avaria no mntor e, portanto, immobilisação.

—Estamos bem arranjados!—repetiu Carlos.

—E talvez devorados por essa alcateia!—acrescentou Roberto encolhendo os hombros—Bem, passa-me a minha carabina Winchester. Antes de ser devorado, sempre quero estender algumas d'estas feras.

A alcateia aproximava-se cada vez mais, uivando, havendo lobos que, com as linguas pendentes, saltavam por cima dos outros, n'uma furia medonha, escancarando as fauces, prestes ao assalto da carne humana.

Roberto e Carlos aspiraram as

emanações fetidas d'aquellas feras famintas, que a luz fulgurante dos pharos do automovel deixava ver em toda a sua ferocidade.

Roberto Girl pegou na carabina, apontou-a e fez fogo.

Sobre o solo branco pela neve rodaram dous d'aquelles animaes carniceiros, atravessados pela mesma bala.

Carlos Stuve igualmente fez fogo sobre a alcateia, cahindo mais tres lobos, n'um instante despedaçados e devorados pelos outros.

—E dizem que os lobos não se devoram uns aos outros!—disse fleugmaticamente Roberto, continuando a fazer fogo.

—E' porque não são lobos da mesma alcateia—explicou Carlos, sorrindo e fazendo igualmente fogo.

Os lobos iam cahindo varados pelas balas das carabinas Winchester, mas dir-se-ia que o numero d'aquellas feras não diminuia.

—Quantos lobos calculas que temos pela nossa frente?—perguntou Carlos Stuve.

Roberto Girl lançou a vista sobre a alcateia e respondeu impassivel:

—São ainda oitenta pelo menos.

—E não ha meio de podermos avançar?

—Era necessario descer, vêr a ava-

ria e, fazer isso, seria o mesmo que cahir nos dentes d'essas feras.

—Isso é verdade—murmurou Carlos—Não ha remedio senão lutar.

—São quarenta tiros pelo menos que cada um de nós tem ainda de disparar. Passa-me mais cartuchos, Carlos.

Carlos Stuve passou ao companheiro uma caixa cheia de cartuchos embalados.

N'aquelle momento um lobo mais temerario saltou com as fauces abertas sobre o estribo do automovel. A carabina de Roberto fez fogo, estendendo a fera no solo. Cahiram ainda outros dous lobos varados pelas balas de Carlos, mas esta carnificina não fazia mais que avivar a fome que desde algumas semanas, mezes talvez, torturava as entranhas d'aquelles carnivoros, que continuavam a avançar, formando agora um verdadeiro cerco ao automovel.

—Parece que cada vez são mais numerosos—disse Roberto—Não ha meio de os exterminar.

—E' verdade—concordou Carlos, fazendo fogo sobre um lobo que se destacára mais e que cahiu apenas ferido e começou a defender-se á dentada dos companheiros que pretendiam devoral-o.

—Dispara outro tiro, Carlos e en-

tretanto tratarei de vêr se é possivel reparar a avaria.

—Mas para isso tens de descer!

—E que importa? E' necessario sahirnos d'este cerco. Vamos, fogo! Carlos disparou mais uma vez a sua carabina, abatendo dous lobos que teimavam em devorar o companheiro ferido.

Roberto aproveitou aquelle momento para descer, mas Carlos deteve-o, dizendo:

—Se desces, estás perdido irremediavelmente!

—Mas nós não podemos ficar aqui eternamente. Perdidos estamos nós e por conseguinte temos de lançar mão de todos os recursos.

—Repara, Roberto. O automovel está cercado por todos os lados e os lobos já não correm ao assalto. Vejamos sentados com os pescocoes estendidos e soltando uivos de fome e de desespero. Ao primeiro movimento que façás cahirão desde logo sobre ti.

—Sei isso; mas enquanto eu trato de reparar a avaria, tu, Carlos, está alerta e ao primeiro lobo que se aproximar, nada de hesitações. Fogo! És bom atirador e com certeza nenhum escapará ás tuas balas certeiras.

(Conclue).

**200\$000 reis**

Empréstam-se sobre hypotheca ou letra, com bons fiadores.  
Trata-se com **Perdigão.**  
*Figueiró dos Vinhos.*

Fez exame de physica industrial (2.º anno) no dia 2 do corrente, obtendo uma merecida distincção. o nosso amigo, Sr. Carlos Alberto d'Aguiar, aspirante telegrapho-postal e alumno do curso de Telegraphos, no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa.

**Policia correccional**

Em addictamento á local publica-da no numero 556 d'este jornal sob a epigraphie supra, temos a accrescentar que o queixoso da policia a que no dia 27 d'Abril ultimo respondeu Jozé Diniz Pereira, do Carregal Fundeiro,

Declara agora que elle pagou innocentemente, do que são testemunhas os srs. Manuel da Silva Correia, Jozé da Silva Junior, Manuel Correia da Conceição e Eduardo Barata Salgueiro, todos do Troviscal, tendo este ultimo dicto ao declarante na occasião d'elle se gabar:

—Então se elle foi pagar innocentemente, como é que você o fez processar?

Ao que elle respondeu:

—E' verdade; mas eu é que não tive a culpa.

Quem terá então tido a culpa se não foi o queixoso?

E' o que vamos ver.

Pela publicação d'estas linhas, senhor Redactor, lhe fica muito grato o seu assignante

*M. D.*

**100\$000 reis**

Empréstam-se sobre hypotheca ou letra, com bons fiadores  
Trata-se com **Perdigão.**  
*Figueiró dos Vinhos.*

**A Esno**

—Os magistrados japonezes acabam de prohibir a venda do romance «Paris» de Zola, apesar da traducção ser prefaciada pelo seu Presidente de ministros.

Não é zolista a magistratura japoneza.

—O sr. Edmond Picend, senador socialista belga acaba de separar-se do partido a que pertencia porque não está para soffrer «impozicoes tyrannicas» dos seus correligionarios, diz elle.

Comente o leitor.

—A Companhia dos Tabacos gastou o anno passado 520 mil kilos de dictos a menos!

*L. M.*

**50\$000 reis**

Empréstam-se sobre hypotheca ou letra, com bons fiadores.  
Trata-se com **Perdigão.**  
*Figueiró dos Vinhos.*

**Venda importante**

Vende-se uma propriedade de casas com um quintal, tendo 28 oliveiras e outras arvores, proximo da Capella de N. Senhora da Madre de Deus.

Quem pretender dirija-se a esta redacção.

**Fabrica de Lanificios**

Vende-se ou arrenda-se a fabrica de lanificios de Chimpelles, não podendo em caso d'arrendamento, ter este o seu começo antes do dia 29 d'Agosto, d'este anno, nem ser feuto por prazo inferior a 5 annos, e poz-se algum machinismo que o pretendente exija para o bom funcionamento.

Prestam quaesquer informações os proprietarios da referida fabrica: Matheus Joaquim da Silveira, de Faro, José Lopes d'Ascenção, de Chimpelles, e Manoel Simões Herdade Junior, d'Aldeia d'Anna d'Aviz.

Figueiró dos Vinhos, 1 de Junho de 1908.

**MOLEIRO**

Precisa-se um que seja activo e dê boas referencias. Só se admite quem souber cumprir bem com os seus deveres.

N'esta redacção se diz.

**Editos de 30 dias**

(1.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do 2.º officio, correm editos de trinta dias, citando o interessado Antonio Freire, solteiro, maior, do Casal do Pedro, ausente em parte incerta no Brazil, a fim de assistir a todos os termos até final do inventario orphanologico a que se procede por obito de Angelica de Jesus, moradora que foi no logar do Olival, freguezia d'Aguda.

Figueiró dos Vinhos, 14 de maio de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito 1.º subst.º

*M. Vasconcellos.*

O Escrivão

*Joaquim Antunes Ayres Buraica.*

**EDITAL**

Augusto d'Araujo Lacerda, Administrador substituto do concelho de Figueiró dos Vinhos, por Sua Magestade El-Rei que Deus Guarde..

Faço saber que na secretaria d'esta administração está, aberto concurso por espaço de 20 dias a contar da presente data por proposta feita em carta fechada, para o fornecimento do rancho aos presos da cadeia d'esta Villa, que começará no dia 1 de julho proximo e finda em 30 de junho de 1909, procedendo-se á abertura das propostas no dia 22 do corrente mez de junho, por 11 horas da manhã, n'esta referida secretaria, não sendo admitidas as propostas superiores a 140 reis pela ração diaria de cada preso.

As condições e clausulas, acham-se patentes n'esta secretaria em todos os dias uteis e ás horas legaes, ficando as despezas da arrematação a cargo do adjudicatario.

Administração do concelho de Figueiró dos Vinhos, 1 de junho de 1908. E eu Carlos d'Araujo Lacerda, secretario d'administração, o subscrevi.

*Augusto d'Araujo Lacerda.*

**CASAS**

Vende-se um predio para 3 inquilinos. Tem quintal murado com poço e boa agua.

Rendé 5 ou 6 por cento e póde ser vendido em 2 lotes.

Quem pretender dirija-se á

**Manuel Barrocas**

*FIGUEIRÓ DOS VINHOS*

**ANNUNCIO**

(1.º PUBLICAÇÃO)

No dia 28 do corrente por dóze horas da manhã á porta do Tribunal judicial d'esta comarca, se hão de arrematar em hasta publica a quem maior lanço offerecer, acima do preço da avaliação, os predios abaixo indicados, pertencentes ao casal inventariado de Francisco José da Silva, que foi da Castanheira de Pera, a saber:

1.º—Uma propriedade que consta de casas de habitação, casa de cozinha, casa para palheiro, casa com telheiro, e quintal com oliveiras e latada, na Castanheira de Pera, em 1:590\$000 reis.

2.º—Terra de sementeira, castanheiros, pinheiros e testada de matto, no Casal, em 95\$000 reis.

3.º—Terra de sementeira, em Alem da Ribeira, em 28\$000 reis.

São citados quaesquer credores incertos.

Figueiró dos Vinhos, 3 de junho de 1908.

O escrivão do 1.º officio

*Joaquim F. de Campos Jardim.*

Verifiquei:

O Juiz de Direito

*Pereira e Solla.*

**EDITAL**

O Cidadão Augusto d'Araujo Lacerda, Administrador do Concelho de Figueiró dos Vinhos, por sua Magestade Fidelissima que Deus Guarde.

Faço saber que n'esta Administração, todas as segundas feiras do mez de junho, ás 10 horas da manhã, se ha de proceder á vacinação e revaccinação de creanças e adultos que para esse fim se apresentarem.

E para constar se passou o presente edital, e outros d'igual theor, que, depois de lidos á missa conventual em todas as freguezias, vão ser affixados nos logares do costume.

Administração do Concelho de Figueiró dos Vinhos, em 2º de maio de 1908.

O Administrador do Concelho substituto

*Augusto d'Araujo Lacerda.*

**EDITAL**

O cidadão Augusto d'Araujo Lacerda, administrador substituto do concelho de Figueiró dos Vinhos, por Sua Magestade Fidelissima que Deus Guarde.

Faz saber que não é permitido aos cyclistas transitar pelas ruas pu-

blicas d'este concelho, em velocidade que possa fazer perigar a segurança dos transeuntes ou o transito publico, que não tragam de dia o competente alarme e de noite este e a respectiva lanterna ou pharol, e que pela sua impericia possam ser origem dos referidos perigos, e os que o exposto transgredirem serão autuados e remetidos ao poder judicial, como desobedientes.

E para constar se passou o presente edital e outros de igual theor que vão ser affixados nos logares mais publicos e do costume n'este concelho.

Administração do concelho de Figueiró dos Vinhos, aos 29 de maio de 1908.

(a) *Augusto d'Araujo Lacerda.*

**Editos de 30 dias**

(1.º ANNUNCIO)

Pelo Juizo de Direito da Comarca de Figueiró dos Vinhos, e cartorio do escrivão do 1.º officio, correm editos de trinta dias, a contar da ultima publicação no Diario do Governo, citando Manuel de Jesus, filho de Izabel de Jesus, dos Moninhos Fundeiros, freguezia d'Aguda, ausente para o Brazil em parte incerta, a fim de, no prazo de dez dias, que começarão a contar-se passados os dez seguintes áquelle em que findarem os editos pagar ao Estado a quantia de trezentos mil reis, por ter sido julgado refractario, ou nomear a penhora bens sufficientes para tal pagamento e custas feitas e a fazer, sob pena de revelia.

Figueiró dos Vinhos, 2 de Junho de 1908.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

*Pereira e Solla.*

O Escrivão

*Joaquim F. de Campos Jardim.*

**LOTERIA**

DA

SANTA CASA DA MISERICORDIA

DE

LISBOA

**100:000\$000 REIS**

Extracção a 11 de junho de 1908

Bilhetes a . . . . 40\$000 reis

Vigésimos a . . . . 2\$000 reis

A thesouraria da Santa Casa incumbem-se de remetter qualquer encomenda de bilhetes ou vigésimos, logo que seja recebida sua importancia e mais 75 reis para o seguro do correio.

Os pedidos devem ser dirigidos ao thesoureiro, á ordem de quem devem vir os vales, ordens de pagamento ou outros valores de prompta cobrança.

A quem comprar 10 ou mais bilhetes inteiros desconta-se 3 p. c. de commissão.

Remettem-se listas a todos os compradores.

Lisboa, 31 de março de 1908.

O thesoureiro

*L. A. de Avellar Telles.*

## RELOJOARIA BARROCAS

### FIGUEIRÓ DOS VINHOS

Bom sortimento em relógios de meza e parede; relógios mourês de pesos com figura na pendula; despertadores desde 500 reis.

Relógios de bolso, boas marcas—Vulcan Longines Civil Cronometro Naval e outras marcas, garantidos por um e dois annos.

Machinas de costura de diferentes marcas, e todas as peças pertencentes a estas machinas.

Cordões, correntes, argolas, brincos, botões, cruzes, fios, alfinetes, anéis e berloques de ouro e prata.

Compra e recebe em troca ouro velho, moedas de ouro antigas ou modernas.

Concertos garantidos em relógios, machinas fallantes, caixas de muzica e objectos de ouro e prata.

### Largo da Praça

(em frente da igreja)

Manuel Coelho Fernandes David.

## PÃO DE LÓ

DA FABRICA DE

SANTO ANTONIO DOS MILÁGRES

EE

FIGUEIRÓ DOS VINHOS

E' uma especialidade que não tem competidor no nosso paiz.

**Pedidos directamente á fabrica.**

## ESCRITORIO FORENSE

Rua do Ouro, 170, 2.º

Telephone 2:183. Telegr.º

«Leque»—LISBOA

LEITÃO & ALBUQUERQUE

N'este escriptorio, com a maxima seriedade e brevidade e sob a gerencia do socio Arnaldo d'Albuquerque, solicitador encartado n'esta comarca, se toma conta e dirige qualquer assumpto forense ou commerciar por preços relativamente modicos.

*Pleitos judiciaes*, taes como, habilitações, inventarios, separações, liquidações d'esposhos, despejos, etc., e quaesquer demandas em geral.

*Recursos*, em todos os tribunaes superiores.

*Pendencias*, em todos os ministerios, repartições, despachos ecclesiasticos, legalisação de procurações, certidões e quaesquer documentos estrangeiros e suas traducções ou quaesquer outras.

*Recebimentos*, de dividas, rendas, fóros, pensões, juros d'inscrições, acções, obrigações, etc., e averbamentos d'estas.

*Anuncios* para o «Diario do Governo» e todos os jornaes da capital e provincias, reclames, etc.

*Encommendas* de toda a especie, suas remessas para a provincia, ilhas e colonias.

*Assiguaaturas* de quaesquer obras litterarias scientificas e de recreio, tanto nacionaes como estrangeiras.

*Administrações* de casas particulares.

*Representações* de casas commerciaes e industriaes nacionaes e estrangeiras.

Sobre a seriedade e competencia d'este escriptorio dão referencia as seguintes casas commerciaes d'esta praça:

Eduardo Martins & C.—R. Nova do Almada, 111 a 213.

Paiva Irmãos—Praça do Municipio, 13, 2.º

Francisco Antunes de Mendonça Sobrinho (Herd.º)—R. da Magdalena, 11.

Irmãos David (Retrozaria)—R. Garrett, 112 a 118.

Joaquim Nunes Coelho—R. de S. Paulo, 183.

Joaquim Pires Mendes—R. dos Baralhoiros, 28.

Jeronimo Martins e Filho—R. Garrett, 13 a 19.

Alfonso de Barros & C.—R. Augusta, 72 a 79.

## HOTEL VIZIENSE

PROPRIETARIO

ANTONIO DO CARMO CAIADO

Rua dos Douradores, 7—1.º

LISBOA

Este hotel, um dos melhores situados, já bem conhecido do publico, recommenda-se sobremaneira, pelos modicos preços, que são 800 reis por dia,

bom tratamento e esmerado asseio com que trata os seus hospedes.

Tambem recebe hospedes só para pernoitar, por 200 reis.

Pede pois ás pessoas que desejem honral-o procurando o seu hotel, a fineza de avisal-o da sua chegada a Lisboa.

No estabelecimento do sr. Francisco Rodrigues Ferreira, d'esta villa, prestam-se quaesquer informações.

## HOTEL COMMERCIAL

— PROPRIETARIO —

JOAO LUIZ JUNIOR

Rua da Agua

(proximo á estação de diligencias da Companhia de Thomar)

FIGUEIRO DOS VINHOS



Acaba de se inaugurar este hotel, situado n'um dos melhores pontos da Villa, em edificio moderno, construido expressamente para esse fim. Tem bons quartos, magnificamente mobilados, escrupulizando-se no acceo.

PREÇOS MODICOS

**Atenção!**—Na mesma casa se fornecem avulso quaesquer refeições, e petiscos, avisando-se previamente o seu proprietario.

Os dignos viajantes do commercio encontrarão aqui optimo tratamento e em condições excepçionaes para esta terra.

### — CAZA DO BARATEIRO —

Esta caza commercial, situada por baixo do Hotel Commercial, tem sempre um completo e variado sortimento de chitas, fazendas, chapelaria e artigos de merceria, tudo por preços convidativos.

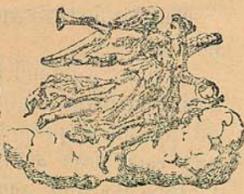
Na CASA DO BARATEIRO, — João Luiz Junior, o publico encontrará um variado sortido, em boas condições.

Eia pois! Ide á loja do Barateiro, se quereis ser bem servidos e por pouco dinheiro.

NA LOJA

DOS

QUATRO GLOBOS



FIGUEIRÓ DOS VINHOS

N'ESTE ESTABELECIMENTO encontram-se á venda

camas de ferro a 2\$000,

ditas do mesmo metal (em diferentes feitios), ditas de madeira (á franceza).—Mezas de cabeceira (com pedra e sem ella).—Colehoaria completa.—Lavatorios (com todos os seus pertences).—Cabides de madeira.—Fogões e cofres de ferro em todos os tamanhos).—Simontes e gessos (nacionaes e estrangeiros), para estoques.—Grande sortido em armures (pretos e de côres).—Lenços de seda e de lã.—Relógios de meza (affiançados por um anno).—Completo sortido em drogas, tintas, oleos e vernizes.—Malas para roupa e para viagem.

Tudo por preços sem competidor, garantindo-se a boa qualidade de todos os artigos, peso e medida.

Benjamin A. Mendes

NOTA.—Qualquer artigo que tenha acabado, manda se vir em acto continuo.

## DEPOSITO DE TABACOS

E

PHOSPHOROS

Agencia de vendas para a circumscripção que comprehende os concelhos de Figueiró dos Vinhos, Pedrogam Grande, Alvaizere e Ancião.

Venda de todas as marcas de tabaco picado, cigarros e charutos da tabella da Companhia.

Charutos estrangeiros das acreditadas marcas «La Casa», «Mignon», «Melitas», «La Mar» e outras para 50, 60, 80 e 100 reis.

Descontos aos possuidores de licença de venda.

Correspondente de diversas casas bancarias.

Cobrança de letras sobre todas as terras do paiz e pagam-se saques do Brazil e Africa, cheques sobre Londres e outras praças no estrangeiro.

Seguros contra fogo.

Agencia da Companhia de Seguros «Tagus».

José Manuel Godinho.